PORQUE É QUE A CABEÇA DEITA FUMO? Metáforas em idiomatismos do português, francês e alemão

Isabel Galhano Rodrigues, Júlia Cordas, Margarida Mouta Faculdade de Letras da Universidade do Porto Centro de Línguística da Universidade do Porto isabel.galhano@oninet.pt ccordas@mail.telepac.pt mmouto@net.sapo.pt

«Não há nada na nossa inteligência que não tenha passado pelos sentidos»

Aristóteles, Metafísica

Introdução

Dotadas da capacidade de objectivar o real, todas as línguas naturais expressam sentimentos e traduzem conceitos abstractos relacionados com a experiência humana.

Frequentemente realizados em expressões metafóricas reveladoras da mundividência própria de cada língua, estes conceitos fixam-se preferencialmente em fraseologismos, expressões cujo funcionamento permite compreender não só as características semânticas do léxico, mas também o modo como, em cada língua, se processa a construção do sentido.

Na base da elaboração do presente trabalho está o interesse pelos fraseologismos. Duas preocupações dominantes motivaram este estudo: a primeira consistiu na necessidade de fundamentar com bases sólidas a descrição/explicação dos idiomatismos junto de estudantes portugueses aprendentes de alemão; a segunda, na necessidade de dar resposta a problemas levantados em práticas de tradução. As maiores dificuldades sentidas na tradução de idiomatismos residem no facto de não haver, em muitos casos, correspondência directa entre as imagens e os valores semânticos que essas expressões assumem em cada língua.

A experiência de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras tem mostrado que existem problemas comuns às diferentes línguas, particularmente no que diz respeito ao domínio dos idiomatismos, em função tanto da aquisição da competência de comunicação, como da competência de tradução.

Sentida a necessidade de esclarecer os processos que determinam a construção dos idiomatismos no português e no alemão, procedeu-se, numa primeira fase, ao levantamento da pesquisa existente. O estudo realizado revelou a exiguidade de trabalhos de investigação existentes neste domínio tanto sob o ponto de vista semântico-semiótico, como sob o ponto de vista contrastivo. As leituras efectuadas reforçaram a necessidade de desenvolver um trabalho teórico numa perspectiva contrastiva alargada, pelo que foram posteriormente considerados os casos de idiomatismos da língua francesa.

Para dar conta do funcionamento da transposição metafórica subjacente à construção dos idiomatismos e evidenciar o modo como ela se realiza nas três línguas, pretendemos descrever e contrastar idiomatismos que possam testemunhar não só os modos de estruturar o mundo que nos rodeia, mas também os meios utilizados para com eles expressar valores e significados culturais e universais.

Seleccionou-se como objecto de estudo um conjunto de idiomatismos que contém o lexema *cabeça* como elemento nuclear e, a partir da análise de diferentes tipos de transposição metafórica verificados, pretendeu-se salientar os valores semânticos contextualmente determinados que *cabeça* pode assumir nas três línguas em questão.

Simultaneamente, procurou-se verificar a existência de correspondências, totais ou parciais, a nível interlinguístico, assim como de sinónimos a nível intralinguístico.

1. Estado actual da pesquisa

As primeiras investigações sobre agrupamentos de palavras (fraseologismos) inserem-se em trabalhos de investigação lexicográficos ou estilísticos, muitas vezes integrados em estudos dialectológicos e histórico-culturais (cf. Hundt, 1994: 212). É por volta dos anos 50 que linguistas de vários países começam a interessar-se pelos fraseologismos. Na pesquisa científica que tem por objecto de estudo a fraseologia como área específica da linguística, destacam-se três grupos de maior interesse: a fraseologia soviética, a fraseologia americana e a fraseologia realizada por germanistas e romanistas alemães. A fraseologia soviética que surge com Vinogradov no final dos anos 40, e se enquadra inicialmente na Lexicologia, é hoje uma disciplina independente.

A divisão de grupos de palavras no tratado sobre estilística de Bally (1951) influenciou a classificação dos fraseologismos de Vinogradov, e, consequentemente, muitas outras investigações sobre os fraseologismos da língua russa.

Para muitos generativistas americanos¹ a investigação da idiomática tornou-se também um objecto de interesse, pelo facto de levantar problemas quanto à aplicabilidade da teoria da gramática generativa.

Na Alemanha, os trabalhos nesta área desenvolveram-se sobretudo a partir dos anos 70, por influência da obra da linguista russa Cernyseva (1970; cit. in Burger, 1973: 17-18; Higi-Wydler, 10-11)².

A maior parte dos trabalhos realizados centra-se em questões de classificação de expressões fixas de todos os tipos. Atende-se sobretudo aos aspectos formais e à definição de critérios de classificação (idiomaticidade, motivação, fixidade e variação).

Em França, país em que esta obra de Bally não teve o mesmo impacto que no estrangeiro, a investigação sobre fraseologismos não foi objecto de grande interesse³.

Quanto ao português, além das investigações efectuadas por Schemann/Schemann-Dias (1979), Schemann (1981) e Hundt (1994, 1997), destacam-se dicionários que incorporam idiomatismos nas suas entradas lexicais. Hundt (1994) apresenta uma bibliografia de investigações realizadas na área da fraseologia do português e chama a atenção para o facto de esta área ainda carecer de estudo aprofundado, sobretudo no que diz respeito à descrição das características semânticas, à identificação de aspectos pragmático-comunicativos e à contrastação entre expressões idiomáticas de várias línguas, com vista à descrição de universais fraseológicos (Idem, 214-215).

Questões relativas à composicionalidade / não-composicionalidade dos fraseologismos assim como à existência das estruturas conceptuais que se encontram na sua base têm motivado vários trabalhos de orientação cognitivista⁴. De grande relevância nesta área da linguagem figurada e dos fra-

¹ Hockett (1956, 1958), Katz/Postal (1963), Weinrich (1972), Fraser (1970), Chafe (1968, 1971), Makkai (1972), autores cit. in Higi-Wydler, 1989: 13-20.

² Salientam-se as obras Burger (1973; 1982), Pilz (1978), Fleischer (1982), Häusermann (1977), Koller (1977), Rothkegel (1973), Fix (1974, 1976), Karpf (1978); Gläser (1986) ocupa-se com fraseologismos do inglês, Thun (1978) estuda fraseologismos em várias línguas românicas, Zuluaga (1980) dedica-se aos fraseologismos do espanhol, Schemann/Schemann-Dias (1979), Schemann (1981) e Hundt (1994, 1997) aos fraseologismos portugueses, Schmid (1984), Greciano (1983) aos fraseologismos franceses (autores cit. in Higi-Wydler, 1989). Por sua vez, Higi-Whyler (1989) realiza um trabalho contrastivo sobre fraseologismos franceses e alemães, apresentando problemas relativos à tradução.

³ Para o francês surgiram apenas alguns trabalhos esporádicos que se debruçam: Greimas (1960/61), sobre a definição de idiomático; Guiraud (1980), sobre questões sócio-culturais relacionadas com fraseologismos; e Curat (1982), sobre a investigação das locuções verbais sob o ponto de vista psico-sistemático, com a colocação da hipótese explicativa do mecanismo locucional (autores cit. in Higi-Wydler, 47-49).

⁴ Defensores da perspectiva não-composicional propõem modelos de compreensão de idioma-

seologismos contendo metáforas são os estudos realizados por Lakoff/Johnson (1980) e Lakoff (1987). Estes autores defendem que os significados de muitos idiomatismos são motivados por estruturas conceptuais que existem independentemente da língua. A sua visão sobre o funcionamento da metáfora, como iremos ver mais adiante, conduz a uma perspectiva de abordagem dos idiomatismos que dá maior relevância aos aspectos semânticos do sentido figurado, os quais remetem, por sua vez, para valores culturais e universais.

Também a semiótica se tem vindo a interessar cada vez mais pelo comportamento não-verbal e pelos sinais convencionalizados, transmitidos gestualmente. Alguns destes gestos convencionalizados, conhecidos por emblemas, têm origem em fraseologismos, enquanto outros são acompanhados por expressões ou interjeições mais ou menos convencionalizadas. Os gestos emblemáticos que se encontram mais estreitamente ligados a fraseologismos contêm frequentemente palavras que designam partes do corpo (ex: ter dor de cotovelo; ser de trás da orelha). No intuito de descobrir a origem de certos gestos, posturas ou atitudes, têm-se desenvolvido trabalhos de pesquisa e de recolha sistemática de dados em numerosas comunidades linguísticas. Pretende-se comprovar o seu significado diacrónico e sincrónico, como consta do projecto Berliner Lexikon der Alltagsgesten, orientado por Posner et al., Berlin, TU -Arbeitsstelle für Semiotik. Em Payrató (1993) encontra-se uma lista bibliográfica detalhada de estudos sobre gestos emblemáticos em várias línguas do mundo. Neste âmbito, a semiótica também tem vindo a observar fraseologismos e idiomatismos, dando conta da imagem que eles evocam, bem como do valor do significado que essa imagem pode ter.

2. Referências teóricas

As línguas reflectem não só as necessidades e interesses de comunicação do homem, mas também o modo como ele interpreta e lida com o mundo em que está inserido. Lakoff/Johnson (1980) e Lakoff (1987) explicam que até o nosso modo de pensar e de atribuir significado àquilo que nos rodeia está condicionado, não só pela nossa própria natureza, mas também pela natureza do

tismos que explicam o modo de acesso aos significados figurados (cf. Bobrow/Bell, 1973; Swinney/Cutler, 1979; Gibbs et al, 1989b, Gibbs, 1980, 1986, autores cit. in Titone/Connine, 1999: 1658); aqueles que seguem uma perspectiva composicional propuseram taxonomias semânticas de fraseologismos (Nurnberg, 1978; Cacciari/Glucksberg, 1991, autores cit. in Titone/Connine, 1999: 1661-1663).

mundo em que estamos inseridos e com o qual interagimos. Segundo estes autores, na base da estruturação do pensamento e da criação de significado encontram-se estruturas conceptuais, fundadas em estruturas pré-conceptuais geradas pela nossa experiência⁵. Por experiência entendem-se as nossas capacidades de ordem genética e o nosso modo de funcionamento dentro do mundo físico que nos rodeia. Lakoff (1987: 267 segs.) considera que há dois tipos de estrutura conceptual das nossas experiências pré-conceptuais: a estrutura de nível básico e a estrutura imagístico-esquemática. A primeira integra categorias geradas pela nossa capacidade de percepção de formas (gestalt), pela nossa capacidade de imaginação e pela nossa capacidade motora. A segunda engloba esquemas imagísticos que se formam a partir daquilo que mais directamente apreendemos da nossa experiência: a orientação vertical; a natureza do nosso corpo como recipiente (contentor que pode estar vazio, cheio ou ainda sentir frio ou calor); a constituição do corpo como um todo com partes; a deslocação entre dois pontos, o que implica uma origem, uma meta, um percurso e uma determinada orientação. Os esquemas de imagem, a saber, CONTENTORES, PER-CURSOS, LIGAÇÕES, FORÇAS, EQUILÍBRIO, e as orientações e relações do tipo ACIMA-ABAIXO, FRENTE-TRÁS, PARTE-TODO, CENTRO-PERIFERIA, são estruturas simples que estão sempre presentes na nossa vida quotidiana.

Para lidar com abstracções resultantes de experiências que ultrapassam o mundo dos objectos concretos, ou seja, para estruturar e definir conceitos abstractos, o nosso sistema conceptual serve-se dos «gestalts» experimentais básicos pertencentes a vários domínios. A estrutura conceptual abstracta surge do nível básico por transposição metafórica do domínio físico para domínios abstractos. É a este processo de transposição que Lakoff/Johnson, (1980: 26-27) chamam metáfora ontológica. Assim, partes da nossa experiência, por exemplo eventos, acções, actividades e estados podem ser tratadas como entidades ou substâncias. Um exemplo disto é a metáfora TIME IS MONEY (Lakoff/Johnson, 1980: 10) e o modo como ela se realiza ao nível da língua: o tempo gasta-se, desperdiça-se, ganha-se, etc.

O estudo dos tipos de metáfora usados numa língua não só permite conhecer os valores culturais, mas também ajuda a compreender a mundividência que essa língua denuncia.

⁵ Também Piaget argumenta que a língua é solidária com as aquisições feitas a nível da inteligência senso-motora e que as estruturas conceptuais que se desenvolvem na primeira infância são o resultado de uma extensão semiótica de esquemas sensoriais (Bateson et al., 1987: 241). Segundo o autor, o conhecimento constrói-se com base na actividade manipulatória. Vestígios deste nível de construção de conhecimento encontram-se nos usos metafóricos da língua na idade adulta (cf. Feyereisen, 1991: 74).

Os idiomatismos, realizações linguísticas caracterizadas, entre outros aspectos, por transposição metafórica, são assim o objecto mais adequado para o estudo do modo como nas línguas se constróem os conceitos abstractos.

Para melhor elucidar a análise que se segue, convém descrever com maior pormenor alguns esquemas conceptuais de Lakoff (1987) que explicam o funcionamento da metaforização.

2.1. Metáfora e esquemas conceptuais

Como já foi referido, são os correlatos pré-conceptuais da nossa experiência que motivam uma projecção da base lógica dos esquemas estruturantes experienciais para domínios abstractos. Essa projecção, designada por METÁFORA, envolve um domínio de partida (origem) e um domínio de chegada (destino). O facto de a estrutura do domínio de origem se projectar numa estrutura correspondente do domínio de destino permite afirmar que a metáfora é conceptualmente estruturada.

Passamos a apresentar alguns dos tipos de esquemas metafóricos propostos por Johnson (1987, cit. in Lakoff, 1987: 271 segs.), que permitem mostrar mais claramente certas estruturas conceptuais manifestadas na língua:

Esquema CONTENTOR: Este esquema assenta na noção dentro-fora, uma noção determinante para a apreensão que fazemos do nosso corpo como um contentor ou como uma coisa existente dentro de um contentor. Como referem Lakoff/Johnson (1980: 29), o ser humano tem a tendência para quantificar os objectos que o rodeiam através da delimitação do território à volta desses objectos. Essa delimitação vai possibilitar a operação de quantificação que permite avaliar quer o tamanho quer o conteúdo do contentor. Assim, as noções de limite e, por extensão, de limite interior e limite exterior são fundamentais para a estruturação desta metáfora. Estas noções permitem-nos a compreensão de conceitos abstractos que determinam a existência de um conteúdo com características próprias, localizado num contentor que se pode eventualmente abrir ou fechar para se proceder à introdução ou à extracção de partes ou da totalidade de um conteúdo.

Esquema ORIGEM-PERCURSO: Apreendemos este esquema directamente da nossa experiência de nos deslocarmos de um sítio para outro, percorrendo vários lugares. Os elementos estruturantes desta metáfora são a origem, a meta, o percurso e a direcção para o destino.

Esquemas de Orientação / RELAÇÕES:

ACIMA-ABAIXO: De acordo com a nossa via experimental de aquisição de

conhecimento sabemos que o que está em cima (vivo, de pé, saudável, atento) é avaliado positivamente e que o que está em baixo (morto, doente, cansado, desatento) sofre uma avaliação negativa. Como referem Lakoff/Johnson, (1980), UP IS GOOD, DOWN IS BAD. Directamente ligadas às posições ACIMA//ABAIXO encontram-se as noções de tamanho/quantidade: o que é grande geralmente encontra-se mais acima do que aquilo que é pequeno; mais, implica também ser maior e menos implica ser menor. Sendo assim, da metáfora ACIMA É BOM, ABAIXO É MAU podem derivar-se as metáforas MAIS É BOM, MENOS É MAU e GRANDE É BOM, PEQUENO É MAU. Destas correlações pode-se inferir que aquilo que culturalmente é considerado melhor se encontra acima do que é pior.

CENTRO-PERIFERIA: Compreendemos o nosso corpo como sendo um todo composto por partes centrais, essenciais para a vida, e por partes periféricas. Para identificar um indivíduo, o que é central é tido como melhor do que aquilo que é periférico. Assim se explica que as injúrias dirigidas a órgãos centrais sejam mais graves do que as que são dirigidas a órgãos periféricos. Os elementos estruturais a considerar neste esquema imagístico são um centro, uma periferia e uma entidade.

PARTE-TODO: Assim como temos a noção da existência de um centro e de partes periféricas no corpo, também nos apercebemos de que o corpo é um todo complexo divisível em partes. À semelhança do que acontece com o nosso corpo, também os objectos do mundo são constituídos por um todo e partes.

Na nossa interacção com o ambiente também está envolvido o esquema FORÇA (Johnson, 1987: 42, cit. in Pauwels/Simon-Vandenbergen, 1995: 47). Este esquema está ligado à experiência do nosso corpo exercendo ou sendo submetido a uma força em qualquer tipo de interacção com outros elementos. Como refere Johnson, só nos apercebemos dessas forças quando são extraordinariamente fortes. Pauwels/Simon-Vandenbergen constatam que estas experiências têm um lugar de relevo na metaforização: «It is therefore not accidental that a large group of instances in the corpus actually have violent actions of fighting as a donor domain» (1995: 47) e que esse esquema de FORÇA se encontra especificado de vários modos através da combinação com outros esquemas, como PERCURSO, CONTENTOR e EQUILÍBRIO (Idem).

Como proposta de reinterpretação do esquema de EQUILÍBRIO de Johnson (1987), Pauwels/Simon-Vandenbergen (1995: 55) sugerem uma outra estrutura imagístico-esquemática, a saber, o CONTROLE. Pela sua relevância óbvia, este esquema também foi considerado na presente análise.

Todos os esquemas referidos funcionam isoladamente, mas também são susceptíveis de funcionar em simultâneo numa metaforização: o cruzamento

de dois esquemas é visível, por exemplo, na experiência de se retirar um elemento de um contentor, de fazer um percurso (de dentro para fora), ou de levantar qualquer coisa, isto é, colocá-la numa posição mais favorável.

Assim, Lakoff parte do princípio de que para grande parte dos conceitos abstractos existe uma metáfora central, altamente produtiva, tanto através de meios lexicais, ou seja, de diferentes codificações linguísticas, como através de encadeamentos metafóricos (Lakoff, 1987: 380 segs.).

2.2. Metonímia

Tal como acontece com a metáfora, também a metonímia não é arbitrária, mas sim conceptualmente determinada. Na metonímia, para além de haver uma projecção de um domínio de conhecimento para outro, estabelece-se uma relação entre dois elementos — A e B. Nesta relação, A pode ESTAR POR B, se B for uma categoria e A um membro ou sub-categoria de B. A relação ESTAR POR é apresentada estruturalmente por um esquema origem-percurso-meta (Lakoff, 1987: 77; 288-289). Lakoff (Idem, 84 segs.) refere que há vários tipos de modelos metonímicos para categorias, originando cada um desses tipos uma espécie diferente de efeitos prototípicos. Os tipos de modelos metonímicos para categorias são os estereótipos sociais, os exemplos típicos, os ideais, os padrões (protótipos), os geradores, os submodelos e os exemplos proeminentes. Todos estes tipos de elementos são susceptíveis de ser colocados como representantes de uma categoria, ou seja, de ESTAREM PELA categoria.

Revistas sucintamente as bases teóricas que orientaram este trabalho, passaremos à descrição e análise de idiomatismos portugueses, franceses e alemães que contêm a palavra *cabeça*.

3. Análise dos idiomatismos com cabeça

3.1. Descrição e definição do corpus

Para a constituição do *corpus*, foi nossa intenção recolher, nas três línguas, idiomatismos de uso frequente, nos quais figura o lexema *cabeça*. A recolha desses idiomatismos, realizada a partir dos dicionários que figuram na Bibliografia, não pretende ser exaustiva. Em primeiro lugar, porque a natureza contrastiva de um estudo que abrange três línguas obriga já a uma restrição do número de exemplos a analisar; em segundo lugar, porque há alguns idiomatismos que, embora ainda lexicalizados, já caíram em desuso; por último, porque outros idiomatismos embora apresentem já uma certa reprodutividade, não se encontram ainda convencionalmente lexicalizados. Apesar destas restrições, consideramos que os exemplos analisados permitem tirar conclu-

sões válidas sobre algumas tendências de semantização para a palavra cabeça encontradas nas três línguas.

Para designar os fraseologismos que constituem o corpus demos preferência ao termo idiomatismo, por um lado, porque designa por si só a propriedade de «ser idiomático» e, por outro lado, porque dentro da área da investigação fraseológica se verifica uma maior tendência para utilizar os termos correspondentes em inglês e em alemão (idiom/Idiom). Com idiomatismo pretende-se designar as unidades lexicais, rígidas e estáveis, formadas, pelo menos, por duas palavras, reproduzidas como um todo. O significado desse todo não corresponde (completamente) à soma dos significados simples dos seus componentes (cf. Higi-Wydler, 1989: 56; Hundt, 1994: 204).

Os idiomatismos recolhidos são, então, ligações fixas de palavras, mais ou menos idiomáticas. Quanto ao seu semantismo, inserem-se nos grupos de fraseolexemas parcial e totalmente idiomáticos (Hundt, 1994: 207-208) e nos grupos de pares idiomáticos e comparações idiomáticas (Higi-Wydler, 1989: 89-91). Sempre que necessário, foram consideradas variantes lexicais, fraseologismos sinónimos e polissémicos. Não se tomou em conta expressões fixas como os provérbios e os verbos de suporte que, de acordo com muitas classificações, se inserem no grupo dos fraseologismos. Também foram excluídos os idiomatismos em que cabeça desempenha as funções semânticas de: elemento localizador (como em cabeça-de-lista), elemento valorativo (como em cabeça-de-casal), elemento qualificador atribuível não só aos seres humanos, mas também aos objectos (como em com pés e cabeça e em sem pés nem cabeça) e elemento adverbial (como em com cabeça e em de cabeça).

As expressões que constituem o *corpus* caracterizam-se a nível semântico por um grau de idiomaticidade variado e, a nível morfossintáctico, por uma heterogeneidade notória. Esta heterogeneidade formal é de pouca relevância para o presente estudo, uma vez que, de acordo com os objectivos atrás expostos, nos propomos analisar questões de natureza semântica e não de ordem morfossintáctica. Também não se deu especial atenção a questões ligadas a diferentes registos de língua.

Os idiomatismos seleccionados centram-se em fenómenos cognitivos: capacidade intelectual e actividade mental; fenómenos psicológicos relacionados com o temperamento ou com estados emocionais; fenómenos interaccionais ligados a atitudes assumidas nas relações interpessoais e em função de determinados valores sociais. Estas áreas semânticas sublinham a importância da cabeça como elemento capaz de metaforizar domínios abstractos.

As metáforas subjacentes a estes idiomatismos partem da percepção da cabeça como um CONTENTOR, uma caixa com características físicas e cinestésicas, com propriedades idênticas às dos objectos do mundo. De acordo com

o senso comum, este contentor deve guardar a maior quantidade possível de matéria com vista à sua utilização de um modo eficaz e adequado. Desta constatação se pode extrair a metáfora central INTELIGÊNCIA É MATÉRIA.

Esse contentor também pode ser ORIGEM ou META de um PERCURSO descrito por uma entidade, ou até mesmo o próprio PERCURSO.

Como parte constituinte do corpo humano, a cabeça também estabelece com o todo relações de inclusão ou de exclusão, de localização (CENTRO-PERI-FERIA) e de direccionalidade (FRENTE-TRÁS, ACIMA-ABAIXO).

Para além de poder exercer FORÇAS, a cabeça pode também estar sujeita à acção de outras forças. Em estados ou acções em que participa um indivíduo, pode estar presente tanto o CONTROLE do indivíduo, como o controle de uma instância exterior ao indivíduo.

3.2. Percurso metodológico

A análise desenvolveu-se do seguinte modo:

- seriação das ocorrências inventariadas com base nas áreas semânticas acima estabelecidas;
- descrição das estruturas imagístico-esquemáticas subjacentes à construção dos valores metafóricos, a saber, as estruturas CONTENTOR, ORIGEM-PERCURSO, ORIENTAÇÕES/RELAÇÕES e FORÇA/CONTROLE;
- verificação, dentro de cada sistema de língua, das correspondências entre as imagens evocadas e os significados por elas criados;
- contrastação, nos diferentes sistemas de língua, das imagens evocadas com os significados por elas criados.

Como mencionado na introdução, na análise contrastiva dos idiomatismos do português com os idiomatismos do francês e do alemão procurou dar-se conta da existência/não-existência de correspondências totais e parciais e, sempre que se tornou pertinente, da existência de idiomatismos sinónimos.

Nas tabelas só figuram os idiomatismos que contêm o lexema cabeça. Os idiomatismos sinónimos em que esta palavra não surge serão apenas referidos no texto, com a respectiva tradução literal, caso se trate de exemplos em francês ou em alemão. Os idiomatismos parcial e totalmente correspondentes encontram-se dispostos na mesma linha. Caso existam variantes, estas aparecem em linhas contíguas. Para facilitar a apresentação nas três línguas, garantindo-se uma certa uniformidade, os verbos dos idiomatismos encontram-se conjugados na terceira pessoa do singular, com sujeito e complementos indefinidos.

3.3. Estruturas imagístico-esquemáticas

De acordo com o saber comum do ser humano, a cabeça é a parte do corpo que tem a função de comandar as restantes partes, sendo o seu bom funcionamento decisivo para a sobrevivência. É na cabeça que estão situados os órgãos da audição, olfacto e visão, que nos permitem a apreensão sensorial do que se passa à nossa volta, assim como os órgãos do aparelho fonador, que nos possibilitam interagir verbalmente com os outros. É ainda através dela que nos apercebemos de certas alterações fisiológicas (dores, subida de temperatura, transpiração excessiva, latejar intenso) provocadas por acontecimentos que afectam o nosso estado emocional ou por períodos de actividade mental prolongada e intensa.

Nos exemplos analisados em 3.3.1. e em 3.3.2. encontram-se transposições metafóricas com vários tipos de conotações: o lexema *cabeça* surge, no primeiro grupo, como uma metáfora da capacidade intelectual (conotando, neste caso, mais ou menos inteligência) e da actividade intelectual (referindo a introdução ou a extracção de informação/conhecimentos e a elaboração de raciocínios); no segundo grupo, surge como metáfora do temperamento.

Nos idiomatismos analisados nos três pontos seguintes (3.3.3. – 3.3.5.) verificam-se transposições metonímicas: os idiomatismos sob 3.3.3. evocam inferências relacionadas com reacções fisiológicas na cabeça (aquecimento, aumento de pressão) que se explicam através do modelo metonímico «a (re)acção fisiológica ESTÁ POR emoção». Sob 3.3.4. encontram-se agrupados os idiomatismos que descrevem reacções físicas do corpo (de que a cabeça faz parte) as quais ESTÃO metonimicamente PELOS estados emocionais que as originaram. Em 3.3.5., os exemplos descrevem acções físicas interpessoais (dirigidas para outro) em que a cabeça ocupa um lugar central. Essas acções físicas ESTÃO PELA atitude de um indivíduo para com o outro.

O último grupo (3.3.6.) insere idiomatismos formados por transposições metafóricas geradas a partir da metáfora central CABEÇA É VIDA.

3.3.1. Cabeça É capacidade/actividade intelectual

Segundo a lógica popular correspondente à ideia de que a inteligência equivale à «massa cinzenta» existente, as pessoas com mais inteligência são as que demonstram ter mais conteúdo dentro da cabeça. Decorrentes deste princípio, são muitos os idiomatismos que apontam para o conceito fundador da metáfora central: INTELIGÊNCIA É MATÉRIA DENTRO DE UM CONTENTOR.

3.3.1.1. No quadro que abaixo se reproduz, a palavra *cabeça* representa nas três línguas estudadas o mesmo que capacidade intelectual, ou seja, a qualidade de ser mais ou menos inteligente. Neste grupo encontram-se metáforas

baseadas sobretudo no esquema conceptual CONTENTOR: os lexemas utilizados nos idiomatismos comportam características semânticas que podem designar propriedades tanto das paredes do contentor, como da(s) substância(s) que nele estão contidas.

A constituição das paredes do contentor é determinante para a entrada e o armazenamento de matéria no seu interior: uma parede dura e compacta oferece resistência à entrada de matéria. Sendo assim, nos idiomatismos abaixo listados, os qualificadores duro / de pau / de coco / Holz- (paredes duras) atribuem à cabeça-contentor as propriedades de dureza/resistência, que são sinónimo de impenetrabilidade, de tal modo que, nestes idiomatismos, se associa ao lexema cabeça o significado «ser estúpido».

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
alguém é duro de cabeça alguém é cabeça-de-coco alguém é cabeça-de-pau	quelqu'un a une tête bien dure	jd. ist ein Holzkopf

Nestes exemplos há paralelismos entre os idiomatismos das três línguas. Todos eles fornecem imagens da experiência do mundo ou de objectos nele existentes que põem em evidência o traço [+ duro].

3.3.1.2. A importância dada à forma do contentor baseia-se na metáfora SER PERFEITO/BONITO É BOM. As formas esféricas e arredondadas predominam na configuração morfológica do mundo e na do próprio homem (veja-se a esfericidade da cabeça humana). Estas formas projectam-se metaforicamente em conceitos abstractos como a completude e a perfeição. Daí que qualquer má-formação da cabeça implique uma disfuncionalidade. Uma cabeça quadrada, limitada por linhas rígidas significará, assim, imperfeição de formas. Em tête de noeud a distorção do contentor acarreta a distorção da matéria que se encontra no seu interior. A imagem descrita em avoir la tête à l'envers, por sua vez, implica incapacidade de receber conteúdo, ou seja, ausência de inteligência.

Já a expressão nicht auf den Kopf gefallen sein (não ter caído sobre a cabeça) implica que as paredes do contentor estão preservadas e a cabeça intacta, dispondo o indivíduo de todas as suas faculdades.

⁶ Quando nos referimos a matéria seguimos o esquema contentor-substância apresentado por Lakoff/Johnson (1980: 30).

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
alguém tem uma cabeça quadrada		-
alguém é/está marreco da cabeça	quelqu'un a une tête de noeud quelqu'un a la tête à l'envers	jd. ist nicht auf den Kopf gefallen

Em português e em francês está patente a ideia de má-forma como indicador de mau-funcionamento.

3.3.1.3. Outro aspecto a considerar é o tamanho do contentor. O que é grande ou de maiores dimensões, por oposição ao que é pequeno, é tido como superior ou de maior qualidade. Sendo assim, quanto maior o contentor, mais matéria poderá armazenar, o que equivale a uma maior capacidade intelectual. A reduzida capacidade intelectual pode ser metaforizada pela referência a um fruto de reduzidas dimensões (como a avelã) ou a animais (maioritariamente aves e insectos), cujo cérebro é reconhecidamente pequeno. No alemão encontramos a expressão ein Vogelhirn haben (ter um cérebro de pássaro), que se pode considerar uma correspondência de cabeça-de-arvéola ou de tête de linotte.

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
alguém é uma grande cabeça		jd. hat einen grossen Kopf
	quelqu'un a une petite tête	
alguém é uma cabeça de avelã		
alguém é uma cabeça-de-arvéola	quelqu'un a une tête de linotte	
alguém é uma cabeça-de-galinha		
alguém é uma cabeça-de-atum		
alguém é uma cabeça-de-grilo		

A ideia de grandeza como metáfora (indício) de inteligência está representada nas três línguas. Por sua vez, a pequenez como sinal de falta de inteligência ocorre em maior número de exemplos no português e no francês. Verificamos que em português existe um grande número de expressões de carácter insultuoso baseadas nas reduzidas dimensões do cérebro. Em francês, esta intenção não se esgota na referência ao tamanho, tal como podemos obser-

var em expressões do tipo *tête d'andouille* ou *tête de lard* (toucinho). Aqui a intenção insultuosa realiza-se pela aproximação do indivíduo ao animal.

3.3.1.4. Uma das características que o senso comum associa às noções de perfeição e de completude é a de resistência. Esta qualidade confere maior durabilidade aos seres e aos objectos do mundo físico: o que é mais durável tem, em princípio, maior qualidade. Sendo assim, o que é resistente é tido como superior, por oposição ao que é frágil, característica convencionalmente associada a uma certa inferioridade.

Outra característica sobressai do adjectivo *hell* (claro, iluminado). Se uma cabeça é ou está clara, é porque recebe luz. Sendo a luz indispensável para a nossa sanidade física, para a nossa vitalidade, este adjectivo atribui à cabeça uma qualidade positiva. Por outro lado, luz é símbolo de conhecimento. Logo, o que é mais iluminado é tido como mais esclarecido. Outras variantes de *hell* são os adjectivos *klug* (esperto) e *gut* (bom).

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
alguém tem uma cabeça forte	quelqu'un a une forte tête	
alguém tem fraca cabeça	quelqu'un a une tête faible	jd. ist ein Schwachkopf
		jd. hat einen hellen/klugen/guten Kopf

Neste grupo os idiomatismos do alemão apresentam imagens e qualidades mais variadas sobre a resistência / não-resistência da cabeça como indicador de maior ou menor inteligência. O português e o francês recorrem apenas à dicotomia forte/fraco.

3.3.1.5. O espaço dentro do contentor pode estar mais ou menos preenchido com matéria. Como já foi referido, as pessoas mais inteligentes são aquelas que possuem maior quantidade de massa no contentor-cabeça, o que significa que espaço vazio ou pouco preenchido corresponde a pouca inteligência. São numerosas as referências aos diferentes estados da matéria para atribuir qualidades à inteligência humana. Assim, o estado sólido conota características valoradas positivamente, enquanto os estados líquido e gasoso se associam a características negativas. A solidez sugerida pelo chumbo em avoir du plomb à la tête traduz uma grande capacidade intelectual. Já no idiomatismo português ter areia na cabeça, é a inconsistência da areia que indicia a falta de capacidade intelectual.

Inúmeros idiomatismos referem cabeças-contentor sem conteúdo (cabeça

de vento, cabeça oca, ter a cabeça vazia, não ter nada na cabeça / tête vide, tête de pioche / einen leeren Kopf haben, nichts im Kopf haben, einen Hohlkopf sein). No caso particular do idiomatismo francês tête de pioche, (tradução literal: cabeça de pá), o esvaziamento da cabeça é sugerido pela forma côncava do objecto.

Outros idiomatismos designam cabeças-contentor com algum conteúdo (ter algo na cabeça / avoir quelque chose en tête).

Outros ainda referem-se a conteúdos com propriedades negativas: tanto chocho (seco), como minhoca (repelente) sugerem estados de deterioração. Em alemão, encontramos o substantivo composto Strohkopf (cabeça de palha), em que palha também representa secura. Da mesma maneira, substâncias fluidas como a água bórica, quase-fluidas como o miolo da melancia, pouco consistentes como o miolo da abóbora são metáforas que ajudam a construir, por transposição de um domínio experencial concreto, o conceito abstracto de (menos) inteligência.

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
alguém é cabeça-de-vento	quelqu'un a la tête à l'évent / / quelqu'un a la tête éventée	
alguém é cabeça oca	quelqu'un a la tête vide	jd. ist ein Hohlkopf jd. ist ein Strohkopf
	quelqu'un a une tête de pioche	
alguém é cabeça chocha		
alguém é cabeça-de-alho-chocho		
	quelqu'un a un petit pois à la tête	
alguém não tem nada na cabeça	quelqu'un n'a rien dans la tête	jd. hat nichts im Kopf
alguém tem algo na cabeça	quelqu'un a quelque chose en tête	
alguém tem a cabeça	·	
cheia de minhocas		
alguém tem areia na cabeça		
	quelqu'un a du plomb dans la tête	
alguém é cabeça-de-água bórica		
alguém é cabeça-de-abóbora		
alguém é cabeça-de-melancia		

Tanto no português, como no francês é dada maior importância à consistência/ constituição da matéria que enche / não enche o contentor. Isto está patente nas variadas imagens culturais que os idiomatismos evocam. Em alemão, pelo contrário, surge apenas a noção do vazio ou do conteúdo-palha.

3.3.1.6. Os efeitos provocados por um grande esforço intelectual também se encontram metaforizados tanto através da consistência (tem-se a cabeça em água quando já não se é capaz de raciocinar), como através da presença ou ausência de matéria no contentor: a incapacidade de formar novas ideias devese ao facto de se ter a cabeça vazia / avoir une tête vide / einen leeren Kopf haben; por sua vez, ter a cabeça cheia salienta as conotações de volume, peso e pressão provocados pelo esforço intelectual. O aumento de volume, peso e pressão significa que a capacidade intelectual chegou aos seus limites.

Em alguém tem a cabeça a deitar fumo / jdm. raucht der Kopf, está visível um dado experiencial do âmbito da tecnologia. Aqui a metáfora parece estabelecer uma correlação entre a cabeça e um motor/máquina⁷ que aqueceu demais devido a uma laboração contínua por um período prolongado.

Também encontramos conotações ligadas a outros órgãos dos sentidos: alguém tem a cabeça a zumbir / jdm. brummt der Kopf / jdm. schwirrt der Kopf. O cansaço resultante do trabalho mental manifesta-se através de um zumbido (brummen) ou de uma tontura causada por um esvoaçar rápido com algum ruído, em movimentos circulares (schwirren). Na base desta metáfora não está visível a estrutura imagístico-esquemática contentor, parecendo antes tratar-se de uma visão dinâmica da cabeça.

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
alguém tem a cabeça em água alguém tem a cabeça vazia alguém tem a cabeça cheia	quelqu'un a la tête vide	jd. hat einen leeren Kopf
alguém tem a cabeça a deitar fumo alguém tem a cabeça a zumbir		jd. hat einen schweren Kopf jdm. raucht der Kopf jdm. brummt der Kopf jdm. schwirrt der Kopf

Neste grupo parece haver bastantes correspondências entre o português e o alemão. Em ambas as línguas, para além da noção de ruído, estão patentes as noções de vazio, de peso e de aumento de temperatura que o fumo denuncia. No francês encontra-se apenas um exemplo para o caso de vazio.

⁷ Estamos aqui perante uma metáfora ontológica do tipo estrutural contentor-entidade (cf. Lakoff/Johnson, 1980: 30).

3.3.1.7 Com base na estrutura conceptual PARTE-TODO, vemos a cabeça como uma parte do todo coeso que é o nosso corpo. Ter a cabeça no sítio / avoir la tête sur les épaules significa estar de posse de todas as suas faculdades mentais. O facto de a parte ocupar no todo o lugar que lhe é devido indicia um funcionamento harmónico dentro do contentor. Em contrapartida, a circunstância de a cabeça não se encontrar no seu lugar (cabeça no ar / tête ailleurs), mas sim num espaço que não lhe é próprio, sugere a falta de concentração. Em alemão, existe a expressão mit den Gedanken wo anders sein (estar com os pensamentos noutro lugar) que reforça este ponto de vista. Outra imagem de onde ressalta uma deslocação da cabeça do seu lugar é evocada em não saber onde se tem a cabeça / ne pas savoir où donner de la tête / nicht wissen, wo einem der Kopf steht.

O contentor-cabeça pode também ser apreendido em função da sua localização espacial relativamente a outros objectos. Em ein Brett vor dem Kopf haben (tradução literal: ter uma tábua à frente da cabeça), paralelamente à estrutura CONTENTOR, encontra-se outra estrutura conceptual ligada à ORIENTAÇÃO FRENTE-TRÁS. Assim, de acordo com este eixo espacialmente estruturado, localiza-se um objecto, Brett (tábua) à frente do contentor. Esse objecto é visto como um obstáculo que impede a saída de informação. Convém, no entanto, salientar que o obstáculo ao pensamento / raciocínio se encontra no exterior do contentor. Contrariamente aos exemplos anteriores, o estado de espírito é sugerido aqui por referência ao exterior e não ao interior do contentor.

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
alguém tem a cabeça no sítio alguém anda de cabeça no ar	quelqu'un a la tête sur les épaules quelqu'un a la tête en l'air quelqu'un a la tête ailleurs	
alguém não sabe onde tem a cabeça	quelqu'un ne sait pas où donner de la tête	jd. weiß nicht, wo ihm der Kopf steht jd. hat ein Brett vor
		dem Kopf

A noção de cabeça como parte de um todo deslocada do lugar que lhe é próprio é metáfora de incapacidade de concentrar. Esta noção está patente nos três sistemas de língua. Para o caso do alemão, veja-se também o ponto 3.3.5.8.

3.3.1.8. Na nossa vida quotidiana, recorremos a verbos do tipo *meter* e *tirar* para designar a dinâmica das interacções que a cabeça estabelece com o mundo circundante. Esses verbos encontram-se fraseologicamente determina-

dos nos idiomatismos que se seguem, nos quais a cabeça-contentor é um objecto onde se introduz e de onde se extrai informação. Os verbos encasquetar e arrancar são encadeamentos lexicais do binómio meter/tirar que sugerem os diferentes modos de realização da acção. Em alemão, sich etwas aus dem Kopf schlagen (sacudir, batendo, alguma coisa para fora da cabeça) expressa a acção de dar pancadas nas paredes do contentor para extrair, à força, alguma coisa que não quer sair do seu interior. Em jd. will sich den Kopf freihalten [für andere Sachen] (tradução literal: alguém quer manter a cabeça livre [para outras coisas]) está bem clara a ideia de que a cabeça é uma caixa com determinados limites e que cabe a cada indivíduo decidir a natureza e a quantidade do que quer colocar no seu interior.

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
alguém mete alguma coisa na cabeça	quelqu'un met (quelque chose) dans la tête	
alguém encasqueta alguma coisa na cabeça		
alguém enche a cabeça de alguma coisa		jd. macht den Kopf voll mit etw.
alguém tem alguma coisa (ainda fresco) na cabeça	quelqu'un a en tête	jd. hat etw. (noch frisch) im Kopf
		jd. behält etw. im Kopf
alguém tira alguma coisa da cabeça		sich etwas aus dem Kopf schlagen
alguém arranca alguma coisa da cabeça	quelqu'un enleve/ôte quelque chose de la tête	
		jd. will sich den Kopf freihalten (für andere Sachen)

Neste grupo parece haver correspondências totais entre os idiomatismos das três línguas, certamente por se tratar de metáforas baseadas em noções de experiências básicas do indivíduo com o próprio corpo.

3.3.1.9. O ser humano tem também acesso ao contentor-objecto e pode manipulá-lo de vários modos, como referem as expressões: dar voltas, quebrar, puxar, fazer contas. Todas as acções são referidas por verbos que descrevem estados de coisas cuja realização depende de esforço e/ou insistência, ou seja, do uso de forças.

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
alguém dá voltas à cabeça		jd. lässt sich etw. im Kopf herum gehen
alguém quebra a cabeça	quelqu'un se casse la tête	jd. zerbricht sich den Kopf
alguém puxa pela cabeça		
	quelqu'un se creuse la tête	
alguém faz contas de cabeça	quelqu'un se monte la tête	

Como em 3.3.1.8., nota-se aqui um certo paralelismo na construção das metáforas nos idiomatismos das três línguas.

3.3.1.10. Noutros idiomatismos a manipulação é efectuada por alguma coisa que, vinda do exterior, exerce sobre o contentor uma acção de desgaste. Os verbos *moer, martelar* e *matar* descrevem estados de coisas que remetem para a erosão do contentor. A ideia de martelar também é conferida no francês e no alemão. No entanto, no caso do alemão, o verbo *hämmern* (martelar), não refere um pensamento constante e incomodativo, mas sim uma dor-de-cabeça.

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
alguma coisa mói a cabeça a alguém alguma coisa martela na cabeça a alguém	quelqu'un se met martel en tête	
alguma coisa mata a cabeça a alguém		etw. hämmert im Kopf

Pode-se afirmar que também a imagem de manipulação do contentor (com instrumentos da vida quotidiana) é comum às três línguas.

3.3.1.11. O contentor-cabeça também se pode enquadrar numa outra estrutura imagístico-esquemática, a saber, META, ORIGEM ou PERCURSO. Assim, em quelque chose porte/monte à la tête à quelqu'un / qualquer coisa vem à / / entra (não quer entrar) na cabeça a alguém / etw. geht (will) jdm. (nicht) in den Kopf (gehen) é como se uma substância exterior chegasse ao contentor (META); em qualquer coisa passa pela cabeça a alguém / quelque chose passe par la tête à quelqu'un, a cabeça-contentor constitui o próprio PERCURSO que

um determinado elemento segue ao descrever uma trajectória; em qualquer coisa sai / não quer sair da cabeça a alguém / etw. geht (will) jdm. (nicht) aus dem Kopf (gehen), o contentor-cabeça representa a ORIGEM do percurso. Os verbos alemães fahren (ir de veículo com rodas) schießen (atirar, dar um tiro) são variantes de gehen (ir a pé) usadas aqui para indicar maior rapidez. A existência de META, ORIGEM E PERCURSO implica um movimento que torna visível o modo, muitas vezes não controlado, como uma ideia surge ou foge do pensamento.

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
alguma coisa vem à cabeça a alguém		etw. fährt jdm. in den Kopf
alguma coisa passa pela cabeça a alguém	quelque chose passe par la tête à quelqu'un	etw. geht jdm. durch den Kopf
		etw. schießt/fährt jdm. durch den Kopf
alguma coisa entra (não quer entrar) na cabeça a alguém		etw. geht (will) jdm. nicht in den Kopf (hinein)gehen
alguma coisa sai (não quer sair) da cabeça a alguém		etw. geht (will) jdm. nicht aus dem Kopf (gehen)
	quelque chose monte à la tête à quelqu'un	
	quelque chose porte à la tête à quelqu'un	

Em linhas gerais, todas as línguas se servem do mesmo tipo de metaforização para descrever processos relativos à actividade mental, como ter uma ideia, lembrar-se, esquecer-se / não se esquecer de alguma coisa.

3.3.2. Cabeça É temperamento

Além de poder servir de indicador das capacidades intelectuais de um indivíduo, a matéria existente dentro do contentor pode ser o domínio de origem das metáforas relativas a características temperamentais. Na língua francesa, a referência a objectos do mundo físico e natural traduz, através das formas e dos percursos circulares sugeridos por bille e vélo, a obstinação; a referência a uma entidade do mundo natural caracterizado pela constante mudança (lune) indica a característica oposta, a instabilidade temperamental.

3.3.2.1. A ideia da obstinação de alguém com vontade própria que não aceita opiniões alheias, também é dada por imagens em que cabeça é tomada na sua totalidade. Nos três primeiros fraseologismos do alemão surge uma imagem de cabeça como uma parte de um todo. Em jd. setzt seinen Kopf durch (alguém impõe a sua cabeça) e jd. besteht auf seinen Kopf (alguém exige que a sua vontade seja cumprida), a motivação é tão forte que o significado não carece de maior explicação. A ideia de cabeça-contentor está mais nítida em id. setzt sich etw. in den Kopf (traduzido à letra, alguém senta alguma coisa na sua cabeça). A escolha de setzen (sentar) em vez de stecken (meter) remete para uma arrumação segura daquilo que se coloca na cabeça, ou seja, para uma ideia firme que nada nem ninguém pode alterar. A expressão seguinte, jdm. steht der Kopf nach etwas (traduzido à letra, a cabeça de alguém está direccionada para qualquer coisa), reflecte mais a ideia da orientação, ou seja, a cabeça está virada para uma determinada meta, não admitindo qualquer mudança de direcção. Por último, se alguém vai com a cabeca através da parede (jd. geht mit seinem Kopf durch die Wand), isso quer dizer que não está disposto a mudar de opinião. Por outras palavras: nenhum obstáculo, por mais intransponível que pareça, obrigará essa pessoa a mudar de opinião. Estamos aqui perante a estrutura PARTE-TODO, em que a cabeça é vista como uma parte dura que exerce uma força contra a parede.

O conceito de obstinação também é transmitido pelo tamanho em *Dickkopf* (cabeça gorda, espessa); em contrapartida, no francês, o tamanho da cabeça induz outros valores semânticos (cf. 3.3.2.2).

A correcta morfologia da cabeça representa a predisposição para pensar com clareza (cf. 3.3.1.2); por oposição, a deformação do contentor e, consequentemente, do conteúdo equivale à recusa de pensar com inteligência, como traduz a expressão alguém tem a cabeça torcida. O idiomatismo tête de mule põe em evidência uma metáfora cultural. Há um processo de animalização que, associando as características do animal à teimosia, atribui aos seres humanos esta qualidade negativa. O contraponto positivo desta qualidade, a determinação de carácter, é metaforizado no último exemplo, avoir à la tête et pas au talon / au cul / autre part (ter na cabeça e não nos calcanhares, no cu nem noutra parte), pela ênfase que a relação estabelecida confere à centralidade da cabeça como sede da inteligência e da vontade.

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
	quelqu'un a (une idée) bille en tête	
	quelqu'un a un petit vélo à la tête	
	quelqu'un a un quartier de en tête	
		jd. setzt seinen Kopf durch
		jd. besteht auf seinen Kopf
alguma coisa mete-se na		jd. setzt sich etw. in den Kopf
cabeça a alguém		jdm. ist der Kopf nach etw
		jd. geht mit dem Kopf durch die Wand
		jd. ist ein Dickkopf / / dickköpfig
alguém tem a cabeça torcida	quelqu'un a une tête de mule	
	quelqu'un a à la tête et pas	
	au talon / au cul / autre part	

No alemão, a cabeça é vista como um elemento forte, independente do corpo, que age por si próprio. Em francês, outros tipos de imagem sugerem aquilo que existe dentro da cabeça de uma pessoa e a obriga a actuar de um determinado modo. Para o caso do português, apenas se regista um idiomatismo onde está patente a estrutura contentor. No seu interior encontra-se alguma coisa que controla a maneira de pensar ou de agir de alguém.

3.3.2.2. O princípio de que o que é grande é melhor do que o que é pequeno vem-nos do conhecimento experiencial da escala de grandezas que regula o mundo físico e natural. Em francês, o orgulho, característica de quem se sente superior, é evidenciado pela referência ao tamanho da cabeça-contentor (avoir la grosse tête). É de notar, como já referido, que o mesmo recurso é utilizado para conotar em português, inteligência e, na língua alemã, teimosia/obstinação.

O idiomatismo avoir la tête plus grosse que le poing (ter a cabeça maior do que o punho), utilizado para conotar o indivíduo arrojado e temerário, assenta nesta mesma estrutura metafórica do tamanho do contentor. A superioridade mede-se, nesta ocorrência, em função de um termo de comparação (o punho) que, por sua vez, simboliza a força física.

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
	quelqu'un a la grosse tête quelqu'un a la tête plus grosse que le poing	

Só na língua francesa se encontra a referência ao tamanho da cabeça como indicador de orgulho.

3.3.3. Reacção fisiológica ESTÁ POR estado emocional

Neste grupo inserem-se os idiomatismos que podem ser explicados através do modelo metonímico reacção fisiológica na cabeça ESTÁ POR estado emocional. O saber comum diz-nos que qualquer estado emocional provoca reacções fisiológicas: o sangue circula com mais força, há um aumento de temperatura, de transpiração, etc. Qualquer subida de temperatura dentro do contentor-cabeça implica o sobre-aquecimento do seu conteúdo. Se esse aquecimento for intenso, a matéria pode ferver, derreter e provocar um aumento de pressão que por sua vez, irá causar um movimento de forças contra a parede do contentor. Portanto, ter a cabeça quente significa estar emocionado. Por oposição, ter a cabeça fria equivale a ser capaz de raciocinar com lógica e clareza.

3.3.3.1. No francês, encontramos a metáfora fogo (feu) para designar emoção. Os estados emocionais são metaforizados pela referência à combustão de materiais sólidos operada dentro do contentor. Para designar estados semelhantes em português, o idiomatismo saltar a tampa da cabeça a alguém cria uma imagem que transmite a ideia de uma substância líquida em ebulição. Neste exemplo, encontramos a combinação de duas metáforas: uma, já mencionada por Lakoff (1987: 383), é ANGER IS HEAT OF A FLUID IN A CONTAINER; a outra é uma variante da metaforização baseada no esquema conceptual CONTENTOR, em que o contentor é um utensílio comum – a panela – um recipiente com tampa, onde é costume aquecer líquidos. Sabe-se que sempre que há um aumento de pressão no interior de uma panela, a tampa salta. Este fenómeno físico funciona como metáfora da fúria numa das suas manifestações-limite, consagrada na expressão «explodir de fúria». Uma correspondência parcial em alemão é jdm. platzt der Kragen.

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
alguém tem / está com a cabeça quente	quelqu'un a la tête chaude quelqu'un a le feu à la tête	jd. hat einen heißen Kopf
alguém tem / está com a cabeça fria	quelqu'un a la tête froide	
alguém tem / está com a cabeça fresca		jd. bewährt einen kühlen Kopf
a tampa salta da cabeça a alguém		

A sugestão de aquecimento do contentor que acompanha uma emoção forte é comum às três línguas. Também o facto de ter a cabeça fresca / fria aponta para um estado que permite raciocinar com clareza.

3.3.3.2. Esta mesma noção de sobre-aquecimento provocado por uma emoção forte manifesta-se também no idiomatismo francês avoir la tête près du bonnet (ter a cabeça perto do boné) através do qual se sugere que a cabeça, «aquecida» pelo calor da fúria, aumenta de volume. A ideia de aumento de volume é dada pela imagem de um crescimento tão intenso que leva a cabeça a aproximar-se do boné que a cobre. Em português e em alemão são os adjectivos grande e dick (gordo) que transmitem essa ideia. A realização (oral) destes idiomatismos é muitas vezes acompanhada por um gesto que reforça a ideia do aumento de volume. Note-se que, tanto em português, como em alemão, os verbos ficar/bekommen dão conta da passagem de um estado de calma para um estado de exaltação, enquanto em francês está apenas visível o novo estado, como resultado do aumento de volume da cabeça.

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
alguém fica com uma cabeça	quelqu'un a la tête	jd. bekommt einen (dicken)
(grande)	près du bonnet	Kopf

O aumento de volume causado pela subida de temperatura está patente nas três línguas.

3.3.3.3. A cabeça-contentor pode representar também a META de um PER-CURSO seguido por uma determinada entidade. Em subir o sangue à cabeça, cabeça é o CONTENTOR para onde essa entidade (sangue) corre. É sabido que o aumento de fluxo sanguíneo na cabeça implica uma subida de temperatura, a qual provoca uma incapacidade de raciocinar «friamente». No alemão, está apenas patente a ORIENTAÇÃO (ACIMA-ABAIXO) seguida pela entidade em direcção à META. O movimento ascendente indicado por *steigen* revela a alteração de estado provocada pelo preenchimento excessivo do espaço no contentor.

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
o sangue sobe à cabeça a alguém		das Blut steigt jdm. in den Kopf
alguma coisa sobe à cabeça a alguém		jdm. steigt etw. in den Kopf

Neste grupo verifica-se um paralelismo de correspondências (totais) entre os idiomatismos do português e do alemão, mais uma vez devido ao tipo de metaforização, baseado em estruturas básicas da experiência humana.

3.3.3.4. Para descrever o estado de espírito de saturação, existe em francês o idiomatismo quelqu'un a quelque chose par dessus la tête (tradução literal: alguém tem alguma coisa por cima da cabeça) que corresponde a alguém está cheio até à ponta dos cabelos. Por aumento de volume, a matéria existente no contentor ultrapassa os limites do corpo humano, encontrando-se fora das paredes do contentor.

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
	quelqu'un a quelque chose par dessus la tête	

Os três sistemas de língua servem-se de imagens diferentes para descrever o estado de espírito de saturação. Em português, estar cheio até à ponta dos cabelos, o aumento de volume da matéria existente no contentor provocou a sua subida até aos limites do corpo humano, sem contudo os ter ultrapassado. Em alemão, na expressão correspondente die Nase voll haben (estar cheio até ao nariz), verifica-se o aumento de volume de uma matéria exterior ao corpo humano. O limite imposto a essa subida situa-se abaixo do nariz. De qualquer modo, nos três idiomas ao conceito abstracto de saturação subjaz um saber experiencial que tem a ver com atingir/ultrapassar limites.

3.3.4. (Re)acção física ESTÁ POR estado emocional

Neste grupo, a palavra *cabeça* representa a própria cabeça. Os idiomatismos que nele se incluem descrevem acções em que a cabeça participa nos estados de coisas descritos pelo verbo. Os domínios de destino (de carácter abstracto) são postos em correlação com domínios de origem (concretos), cujas características são conhecidas do ser humano através da sua experiência natural e cultural. As *posturas físicas* descritas nos exemplos abaixo apresentados ESTÃO metonimicamente PELO *sentimento* que motiva a sua realização.

3.3.4.1. Assim, nos idiomatismos atirar-se de cabeça l se jetter la tête la première, a imagem da trajectória descrita por um corpo a saltar projectando a cabeça sugere, pelo relevo dado à cabeça como parte proeminente do corpo, o conceito de determinação. No caso português, esta mesma imagem pode também referir a imaturidade/insensatez próprias de quem age sem reflexão prévia. A força da determinação é sublinhada de um modo exagerado na expressão sich Hals über Kopf in etwas stürzen (atirar-se para alguma coisa com o pescoço acima da cabeça). Segundo Röhrich (1973: 375) na origem desta forma (de registo familiar) encontra-se outra mais vulgar que usava a palavra Arsch (cu) em vez de Kopf, como ainda acontece em idiomatismos regionais.

Os restantes exemplos são transposições metonímicas diferentes: baixar a cabeça / courber/baisser la tête são expressões que denunciam estados de espírito de tristeza ou de submissão; den Kopf hängen lassen significa ter falta de coragem, estar abatido; andar de cabeça erguida / marcher la tête levée / den Kopf oben behalten são expressões que podem indiciar, como se sabe, atitudes de orgulho ou de coragem. O valor semântico atribuído à orientacionalidade subjacente às expressões que referem estas posturas baseia-se na metáfora referida por Lakoff / Johnson (1980) UP IS GOOD, DOWN IS BAD.

Em donner de cul et de tête (entregar-se de alma e coração), a metáfora da valentia, da coragem, da intrepidez constrói-se a partir da referência a duas partes do corpo (cu /cabeça) que claramente permitem a visualização do todo: comprometer todo o corpo (donner) equivale a ter grande coragem. Note-se, a título de curiosidade, que o par idiomático cul/tête também surge na expressão do alemão acima mencionada (Arsch/Kopf).

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
alguém atira-se de cabeça	quelqu'un se jette la tête la première	jd. stürzt sich Hals über Kopf in etw.
alguém baixa a cabeça	quelqu'un courbe/baisse la tête	jd. lässt den Kopf hängen
alguém anda de cabeça erguida	quelqu'un va/marche la tête levée	jd. behält den Kopf oben
alguém levanta a cabeça	quelqu'un dresse/redresse la tête quelqu'un donne de cul et de tête	

Verifica-se que os três sistemas de língua se servem de representações de movimentos impetuosos do corpo e de posturas ontologicamente determinadas para referir estados emocionais abstractos de determinação, coragem, submissão, tristeza e falta de coragem.

3.3.4.2. O nosso conhecimento do mundo diz-nos que esconder-se é uma reacção natural de sobrevivência da maior parte dos animais em situação de perigo. Em meter a cabeça na areia e em mettre la tête sous l'aile (meter a cabeça debaixo da asa), o gesto de esconder a cabeça é a metáfora da cobardia. Vista na relação PARTE-TODO, cabeça simboliza nestas ocorrências o indivíduo e o gesto evidencia a sua incapacidade de enfrentar problemas de difícil resolução. No idiomatismo pôr a cabeça de fora, a acção descrita pelo verbo metaforiza a ousadia ou o atrevimento. Em qualquer um destes casos, a cabeça – parte de um todo – é tomada como elemento central do corpo e representa a própria individualidade. A (re)acção física (movimento) está pelo estado emocional do indivíduo (cobardia / ousadia). Nota-se também uma relação DENTRO-FORA entre o mundo visível (o que está dentro do campo visual) e o mundo oculto (o que está fora do campo visual), sendo também o campo visual apreendido como um CONTENTOR.

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
alguém mete a cabeça na areia	quelqu'un se met la tête sous l'aile	jd. steckt den Kopf in den Sand
alguém põe a cabeça de fora		

O comportamento físico de esconder / proteger a cabeça é comum às três línguas.

3.3.4.3. No exemplo se donner de la tête contre le mur, o uso reflexivo do verbo que descreve uma acção auto-destrutiva confere centralidade ao agente e marca a intencionalidade com que ele a realiza. Também neste caso, cabeça está por indivíduo, responsável pela realização de acções que metaforizam estados emocionais de cólera. Em tenir tête (fazer frente), idiomatismo em que cabeça representa a cabeça, a força imagética do verbo é tão forte que facilmente se pode deduzir a metáfora da resistência (voluntária e consciente) a alguém ou a alguma coisa.

Nos idiomatismos bater com a cabeça nas paredes / se cogner / se taper la tête contre les murs, cabeça está por indivíduo e a acção auto-agressiva que o verbo descreve remete para estados psicológicos desequilibrados, próprios de quem, tendo perdido a razão, procede incorrectamente.

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
alguém bate com a cabeça nas paredes	quelqu'un se cogne / tape la tête contre les murs	
ž i	quelqu'un se donne de la tête contre le mur quelqu'un tient tête à quelqu'un	

A imagem de punição directa sobre a cabeça surge nas duas línguas como referência de cólera, decepção, desequilíbrio psicológico.

3.3.4.4. Um estado de manifestação efusiva de emoções (sobretudo de grande contentamento) através do comportamento físico encontra-se representado no idiomatismo alemão kopf stehen (tradução literal: estar de cabeça para baixo). No idiomatismo seguinte, sich auf den Kopf stellen (tradução literal: pôr-se de cabeça para baixo), essa posição do corpo, que exige extrema flexibilidade e destreza física, representa o impossível que se faz com vista à obtenção daquilo que se deseja. Esta mesma expressão também pode aplicar-se a objectos para designar, por exemplo, uma grande desarrumação e corresponde, com este mesmo significado, ao idiomatismo português virado de pernas para o ar. A alteração de estados emocionais que aqui é traduzida pela anómala localização no espaço, também pode ser representada pela deformação do contentor, quando sujeito à acção de forças exteriores. É o caso do idiomatismo alguém ficalestá com a cabeça feita num oito.

O último exemplo deste grupo descreve um gesto / postura realizado em situações de grande aflição (como quem invoca a ajuda de uma instância superior). A descrição do gesto ESTÁ PELO estado emocional com que é realizado.

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMĀO
		jd. steht kopf
		jd. stellt sich auf den Kopf
alguém fica/está com a cabeça feita num oito		
alguém deita as mãos à cabeça		jd. schlägt sich die Hände über den Kopf

Para referir desequilíbrio psicológico provocado por uma emoção forte (surpresa, alegria) a língua alemã recorre a uma imagem em que o ser humano se encontra numa posição invertida, ou seja, com a cabeça para baixo. Os idiomatismos gestuais do português e do alemão correspondem-se totalmente.

3.3.5. Acção física interpessoal ESTÁ POR atitude

Nas relações interpessoais, que estabelecem entre si, os seres humanos adoptam comportamentos de sinal positivo ou negativo. Assim, interage-se para manifestar apoio / solidariedade ou, pelo contrário, para criticar o outro levando-o a perder a face. Interage-se ainda para impor a sua própria vontade ou, em casos extremos, para tirar a vida a outrém. Neste grupo está patente o uso de FORÇAS, em parte violentas, e o CONTROLE sobre essas forças.

3.3.5.1. Nas três línguas, há idiomatismos em que a cabeça, concebida como PARTE de um TODO, está na base das imagens que referem a manipulação da vontade dos outros. Em virar/dar a volta à cabeça / faire tourner la tête é acentuada a característica de a parte se poder mover e orientar espacialmente. Em qualquer um destes exemplos, o movimento de rotação implícito à acção descrita metaforiza a alteração da vontade por influência de outrém. Esta alteração da vontade decorre de uma mudança no modo de pensar, o que sugere a manipulação da matéria existente dentro do contentor-cabeça.

No idiomatismo fazer perder a cabeça (a um santo), o facto de se isolar um elemento de um todo indivisível ajuda a descrever uma acção de efeitos devastadores. É sobre os contornos da imagem descrita que se desenha o valor metafórico da impaciência extrema e das manifestações nefastas deste estado de espírito.

O idiomatismo alemão *jdm. den Kopf schwer machen* (tornar a cabeça pesada a alguém) poderá traduzir-se, respeitando o mesmo esquema imagístico da cabeça-contentor, por *encher a cabeça a uma pessoa.*

Os idiomatismos alguém tira alguma coisa a alguém e alguém mete alguma coisa na cabeça a alguém são variantes sintácticas das expressões construídas com os mesmos verbos e já analisadas sob 3.3.1.8. No caso presente, a variação consiste no uso do actante dativo, valência facultativa do verbo: a instância (actante sujeito) que introduz ou extrai informação do contentor-cabeça (actante objecto) é exterior ao contentor-indivíduo (actante dativo).

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
alguém faz perder a cabeça a um santo		
alguém vira a cabeça a alguém		jd. den Kopf verdrehen
algúem tira alguma coisa da cabeça a algúem	·	
alguém dá cabo da cabeça a alguém		
	qu. cave la tête à qu.	
alguém mete alguma coisa na cabeça a alguém		jd. den Kopf zerbrechen
alguém enche a cabeça a alguém		jdm. den Kopf schwer machen

A concepção da cabeça como contentor / objecto manipulável apresenta, de uma maneira geral, formas correspondentes nas três línguas.

3.3.5.2. O idiomatismo comer as papas na cabeça de alguém aponta para uma atitude de superioridade, sugerida pelo facto de alguém ser tão alto que consegue comer sobre a cabeça de outrém. Embora se tenha perdido a motivação que lhe deu origem, este idiomatismo conserva e reproduz esse valor semântico de superioridade. Parece ter havido aqui uma segunda metaforização (cf. Hundt, 1994: 208), visto ser um caso concreto de polissemia: o idiomatismo tanto quer dizer «enganar alguém», como «crescer de tal modo que deixa de poder ser superado». Curiosamente, o idiomatismo francês manger la soupe sur la tête à quelqu'un é utilizado apenas nesta última acepção.

Na expressão correspondente em alemão, jemandem über den Kopf wachsen (crescer acima da cabeça de alguém), a ideia de superioridade também é marcada pela orientação ACIMA-ABAIXO: alguém deixa de estar sob o domínio de outrém porque ficou mais alto do que ele. Embora o significado seja idêntico ao do idiomatismo português, o valor aspectual é diferente e confere outras conotações à imagem criada. Enquanto no caso do português, o valor aspectual é cursivo, para o caso do alemão verifica-se um valor aspectual incoativo que marca a passagem de «estar sob o domínio de» para «deixar de estar sob o domínio de». Também aqui parece ter havido uma segunda metaforização, precisamente com o mesmo significado.

Para significar «enganar alguém» encontra-se em alemão o idiomatismo jdm. auf den Kopf kommen (chegar acima da cabeça de alguém), um sinónimo de jdm. auf der Nase herumtanzen (dançar em cima do nariz de alguém).

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
alguém come as papas		jd. wächst jdm. über den Kopf
na cabeça a alguém		jd. kommt jdm. auf den Kopf

Em português e em alemão, a noção de superioridade está representada por imagens que descrevem a correlação existente entre dois indivíduos que se situam a níveis diferentes. Esta ideia de localização a níveis distintos é retomada para designar uma situação de engano.

3.3.5.3. Em se payer la tête de quelqu'un (tradução literal: comprar para si (para seu uso-fruto) a cabeça de alguém), constata-se uma metáfora cultural cuja motivação pode já não ser perceptível mas que se situa claramente no âmbito dos valores sociais / trocas comerciais, já que o indivíduo, a quem pertence a cabeça, é encarado como um bem transacionável.

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
	quelqu'un se paye la tête de quelqu'un	

Este idiomatismo, que não encontra correspondência formal nas outras duas línguas, traduz-se em português por *gozar com a cara de alguém*. A correspondência semântica que se estabelece entre *tête* e *cara* verifica-se em muitos outros casos (veja-se a título de exemplo 3.3.5.10. e 3.3.6.1).

3.3.5.4. Em tenir la tête de quelqu'un (ajudar / apoiar alguém), cabeça representa cabeça. Tal como observámos no exemplo tenir tête (3.3.4.3.), o semantismo do verbo facilita a transposição metafórica que se estabelece entre a

acção por ele descrita e o conceito de solidariedade, de inter-ajuda que lhe está subjacente. Importa referir o facto de a cabeça, vista na relação parte-todo, designar aqui o indivíduo.

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
	quelqu'un tient la tête de quelqu'un	

Nas três línguas este conceito é também representado por idiomatismos construídos com a palavra mão (dar uma mãozinha / donner un coup de main / die Hand reichen, jdm zur Hand kommen).

3.3.5.5. Para referir uma convicção ou sentimento de confiança que se experimenta por alguém, recorre-se a imagens que descrevem situações culturalmente determinadas e que representam perigo de vida para o indivíduo. Assim, pode-se arriscar a própria vida por algo ou por alguém, oferecendo a cabeça (pôr a cabeça num cepo / donner/mettre sa tête à couper / für jdn. den Kopf hinhalten / mit dem Kopf für etw./jd. haften).

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
alguém põe a cabeça num cepo	quelqu'un donne/met sa tête à couper	jd. hält für jdn. den Kopf
		jd. haftet mit dem Kopf für etw.

Nas três línguas as imagens dos idiomatismos sugerem situações marcadas culturalmente de forma idêntica.

3.3.5.6. Em *apanhar/levar na cabeça*, a acção descrita pelos verbos *apanhar / levar* sugere a imagem da punição exercida sobre a cabeça-contentor e metaforiza a resposta negativa do mundo exterior.

Em jd. steht da wie vor dem Kopf geschlagen (tradução literal: ficar como se lhe tivessem batido na cabeça) que significa ficar grandemente surpreendido, decepcionado, a imagem descrita refere um estado de espírito comparável àquele que se tem perante uma punição imprevista do mundo exterior. Esta imagem de punição inesperada corresponde em português à frase levar com um balde de água fria.

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
alguém apanha/leva na cabeça		jd. steht da wie vor dem Kopf geschlagen

As imagens sugeridas em português e em alemão são semelhantes.

3.3.5.7. Em chercher des poux sur la tête à quelqu'un (tradução literal: catar piolhos na cabeça de alguém), correspondente ao português «implicar com alguém», a palavra cabeça representa a cabeça-contentor. Trata-se aqui de uma metáfora cultural cuja força imagética reside na transposição de uma acção física que exige minúcia (catar piolhos) para o âmbito das atitudes. O fraseologismo refere atitudes intencionalmente levadas a cabo por alguém que vai à procura da eventual vulnerabilidade ou fragilidade do outro, com o objectivo de o incriminar.

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
	quelqu'un cherche des poux sur la tête à quelqu'un	

3.3.5.8. Outros modos de manipular a cabeça-contentor de outrém são descritos pela referência a acções como colocar a cabeça de alguém no seu lugar ou entre as orelhas (jdm. den Kopf zurecht / zwischen die Ohren setzen). Em laver la tête à quelqu'un / jdm. den Kopf waschen (lavar a cabeça a alguém), idiomatismos que referem uma atitude de censura exercida sobre alguém, o semantismo do verbo aponta para uma renovação do conteúdo da cabeça por influência de um agente exterior. O valor semântico dos verbos laver e waschen, respectivamente do francês e do alemão, conserva-se ainda, em português, na expressão dar uma ensaboadela a alguém.

Para dar conta de uma censura mais áspera que exige uma atitude mais agressiva, existem em alemão os idiomatismos *jdm. etwas an den Kopf werfen* (atirar alguma coisa à cabeça a alguém), e *jdm. eins auf den Kopf geben* (dar uma (pancada) na cabeça a alguém).

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
	quelqu'un lave la tête à quelqu'un	jd. setzt jdm. den Kopf zurecht jd. stezt jdm. den Kopf zwischen die Ohren jd. wäscht jdm. den Kopf jd. wirft jdm. etw. an den Kopf jd. gibt jdm. eins auf den Kopf

Os idiomatismos que descrevem actos agressivos são mais frequentes nos idiomatismos alemães. A imagem que recorre aos verbos laver / waschen é comum às três línguas, embora, no idiomatismo português correspondente, não figure nenhum lexema que designa partes do corpo. Segundo Röhrich, 1973: 526, esta expressão surge, pela primeira vez, em Judas IV, 127, 192 e também na variante «lavar a cabeça com uma solução forte» em Judas IV, 363.

3.3.5.9. Em faire une tête au carré (agredir), idiomatismo em que a cabeça surge mais uma vez como CONTENTOR, faz-se alusão à forma (quadrada) e sublinha-se a pretensão de moldar a cabeça-contentor do indivíduo com quem se interage. De acordo com o que dissemos atrás, a forma quadrada simboliza a (im)perfeição. O comportamento agressivo consiste na tentativa de modificar abusivamente a forma natural da cabeça.

Este comportamento também pode ser recíproco como em sich an die Köpfe kriegen (agarrar-se pelas cabeças) e em sich an die Haare kriegen (agarrar-se pelos cabelos), que, no sentido figurado, correspondem a gerar uma grande discussão.

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
	quelqu'un fait une tête au carré à quelqu'un	sich an die Köpfe kriegen

A manipulação da cabeça patente nos idiomatismos do francês e do alemão concretiza-se em português através de uma imagem com idêntico valor semântico: partir a cara a alguém.

3.3.5.10. Os idiomatismos *jdm. etwas auf den Kopf zusagen* (tradução literal: dizer alguma coisa sobre a cabeça a alguém, que significa *atirar alguma*

coisa à cara de alguém) e jdm. vor dem Kopf stoßen (tradução literal: dar uma pancada na cabeça a alguém) descrevem também acções direccionadas para outrém e significam, respectivamente, acusação e ferimento.

Uma atitude de defesa e/ou reacção à agressão é conotada nos idiomatismos jd. lässt sich nicht auf dem Kopf herumtrampeln (alguém não deixa que lhe andem a pisar a cabeça) e jd. lässt sich nicht auf den Kopf spucken (alguém não deixa que lhe cuspam na cabeça). A correspondência parcial mais aproximada em português (alguém não deixa que lhe pisem os calos) sugere um imagem centrada sobre outra parte do corpo.

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
		jd. sagt jdm. auf den Kopf zu jd. stößt jdm. vor dem Kopf jd. lässt sich nicht auf dem Kopf herumtrampeln jd. lässt sich nicht auf den Kopf spucken

Mais uma vez, os idiomatismos do alemão representam imagens em que o lexema *cabeça* designa o local do corpo de alguém afectado pela agressão de outrém. Em português, os idiomatismos com valor semântico correspondente referem partes do corpo diferentes.

3.3.6. Acção É perda de vida / valor material

Do princípio de que cabeça é um órgão vital para o ser humano, resulta a metáfora central A CABEÇA É VIDA. Esta metáfora funciona como um núcleo gerador de novas metáforas, em que vida é por sua vez representada metaforicamente por um bem de grande valor: CABEÇA É VIDA > VIDA É VALOR > CABEÇA É VALOR. Com base nestas correlações desenvolvem-se idiomatismos em que as acções descritas representam situações que metaforizam o risco da perda da *cabeça*, ou seja, o risco de perda de vida ou de valores essenciais.

3.3.6.1. Den Kopf in die Schlinge stecken / aus der Schlinge ziehen (meter a cabeça no laço e tirar a cabeça do laço) provêm, segundo Röhrich (1979: 528) da linguagem dos caçadores. A imagem sugerida nestas expressões ligadas a uma prática culturalmente marcada, aponta para uma situação de morte eminente.

Para designar situações de risco de perda total (incluindo a da própria vida), existem outras expressões que recorrem a metáforas dos tipos acima mencionados, em que *cabeça* simboliza, em primeiro lugar, a própria vida. Nessas expressões a percepção da vida como um valor material é visível atra-

vés do semantismo dos verbos que ocorrem nestes idiomatismos. Note-se que os verbos riskieren (arriscar), verlieren (perder) kosten (custar), bezahlen (pagar) e haften (ser fiador) se inscrevem no âmbito das trocas económicas e comerciais. Em Kopf und Kragen (cabeça e colarinho) a palavra Kragen acrescenta à perda da vida a perda dos bens materiais. Note-se que a ideia de valorcusto está também representada pelos olhos no idiomatismo francês (couter les yeux de la tête que significa custar os olhos da cara). Veja-se 3.3.5.3. e 3.3.5.10.).

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
		jd. steckt den Kopf in die Schlinge
		jd. zieht den Kopf aus der Schlinge
		jd. riskiert seinen Kopf
		jd. riskiert Kopf und Kragen
		jd. verliert Kopf und Kragen
	quelque chose coûte les yeux de la tête à quelqu'un	etw. kostet jdm. Kopf und Kragen
		jd. muss etw. mit seinem Kopf bezahlen

3.3.6.2. A perda de vida por homicídio também pode ser expressa por acções relacionadas com procedimentos que têm origem em vivências culturais: *jd. legt jdm. den Kopf vor die Füße* (alguém põe a cabeça em frente dos pés a alguém) e *jd. macht jdn. einen Kopf kürzer* (alguém põe alguém uma cabeça – medida – mais baixo).

PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
		jd. legt jdm. den Kopf vor die Füße jd. macht jdn. einen Kopf kürzer

Como se pode constatar, este tipo de metaforização é praticamente exclusivo da língua alemã. O primeiro exemplo referido tem origem proveniente da linguagem judicial, da prática da pena de morte por meio de uma espada (Röhrich, 1979: 528).

Conclusão

A observação e análise contrastiva dos idiomatismos que em português, em francês e em alemão têm a palavra *cabeça* como lexema nuclear permitiu verificar que:

- na base das metaforizações patentes nos idiomatismos das três línguas se encontram esquemas conceptuais com estruturas idênticas, conclusão já esperada, uma vez que essas línguas assentam em experiências culturais semelhantes;
- os valores metafóricos dos idiomatismos se inscrevem, nas três línguas, nas mesmas áreas semânticas (excepto no que diz respeito à área semântica relacionada com os valores sociais);
- as qualidades humanas que os valores semânticos traduzem são maioritariamente negativas;
- as reacções físiológicas e físicas descritas pelos idiomatismos traduzem sobretudo estados de alteração emocional e de desequilíbrio;
- as acções interpessoais patentes nos idomatismos revelam, tipicamente, a intenção de prejudicar outrém.
- os valores metafóricos dos idiomatismos referentes a comportamentos determinados por valores sociais são praticamente exclusivos da língua alemã.

Verificada a transversalidade das estruturas pré-conceptuais subjacentes aos processos de metaforização analisados, parece-nos que a maior utilidade deste estudo é a de fornecer pistas para futuros trabalhos de tradução. Não ignorando que boa parte da expressividade contida nos idiomatismos da língua de partida nem sempre é passível de ser transposta para a língua de chegada, consideramos que esta perspectiva de abordagem poderá, contudo, ajudar a resolver alguns dos problemas referidos no início deste trabalho.

Assim, sempre que não existam na língua de chegada idiomatismos correspondentes aos da língua de partida, a compreensão dos processos de metaforização permite encontrar expressões que, embora não sejam correspondentes formais, se aproximam mais do significado que se pretende traduzir.

Bibliografia

BALLY, Charles (1951) - Traité de Linguistique Française. Genève, Librairie Georg (3^aed.). BATESON, Gregory et al (1987) - Jean Piaget e Noam Chomsky debatem Teorias da Linguagem e Teorias da Aprendizagem. Lisboa, Edições 70 (= O Saber da Filosofia).

- BURGER, Harald (1973) Idiomatik des Deutschen, Tübingen, Niemeyer.
- FEYEREISEN, Pierre / de LANNOY, Jacques Dominique (1991) Gestures and Speech. Cambridge, Cambridge University Press.
- HIGI-WYDLER, Melanie (1989) Zur Übersetzung von Idiomen. Eine Beschreibung und Klassifizierung deutscher Idiome und ihrer französischen Übersetzungen. Bern, Peter Lang.
- HUNDT, Christine (1994) «Portugiesischen Phraseologie», in: Holtus, G., Metzeltin, M., Schmitt, C., Lexikon der Romanistischen Linguistik, Band V. Tübingen, Niemeyer, 204-216.
- HUNDT, Christine (1997) «Vergleichende Untersuchungen zur Phraseologie Portugiesisch-Deutsch, in: Lüdtke, H., Schmidt-Radefeldt, Jürgen, Linguistica Contrastiva. Deutsch versus Portugiesisch-Spanisch-Französisch. Tübingen, Niemeyer, pp. 217-234.
- KEYSER, Boaz; BLY, Bridget Martin (1999) «Swimming against the current: Do idioms reflect conceptual structure? in: *Journal of Pragmatics*, 31, pp. 1559-1578.
- LAKOFF, George (1987) -- Women, Fire and Dangerous Things: what categories reveal about the mind? Chicago, University of Chicago Press.
- LAKOFF, George / JOHNSON, Mark (1980) Metaphors we live by. Chicago, University of Chicago Press.
- PAYRATÓ, Luís (1993) «A pragmatic view on autonomous gestures: a first repertoire of Catalan emblems», in: *Journal of Pragmatics*, 20, pp. 193-216.
- PAUWELS, Paul/ SIMON-VANDENBERGEN, Anne-Marie (1995) «Body Parts in Linguistic Action. Underlying Schemata and Value Judgements», in: Goossens, L. et al., By Word of Mouth. Metaphor, Metonymy and linguistic action in a cognitive perspective. Amsterdam, Benjamins, (= Pragmatics and Beyond. New Series), pp. 35-69.
- SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen, (1980), «Portugiesisch-deutsche Idiomatik», in: *Ibero-americana*, 12. TITONE, Debra A. / CONNINE, Cynthia M., (1999) «On the compositional and noncompositional nature of idiomatic expressions, in: *Journal of Pragmatics*, 31, pp. 1655-1674.

Dicionários:

- (2001) Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea. Academia das Ciências. Lisboa, Ed. Verbo.
- (1973) Dictionnaire usuel Quillet-Flammarion. Paris, Quillet-Flammarion.
- (1986) Grand Dictionnaire des lettres. Paris, Larousse.
- DROSDOWSKI, G. / SCHOLZE-STUBENRECHT, W. (eds.) (1992) Redewendungen und sprichwörtliche Redensarten. Idiomatisches Wörterbuch der deutschen Sprache. Bd. 11. Mannheim, Dudenverlag.
- DUNETON, Claude, (1990) Le Bouquet des Expressions Imagées. Paris, Seuil.
- FRIEDRICH, Wolf (1976) Moderne deutsche Idiomatik. München, Hueber.
- NEVES, Orlando (1991) Dicionário de frases feitas. Porto, Lello & Irmão Lda.
- NEVES, Orlando (2000) Dicionário de Expressões Correntes. Lisboa, Círculo de Leitores.
- ROBERT, Paul (1967) Le Petit Robert, dictionnaire alphabétique et idéologique de la lagnue française. Paris, ed. le Robert.
- RÖHRICH, Lutz (1973) Lexikon der sprichwörtlichen Redensarten. Freiburg, Herder.
- SCHEMANN, Hans; SCHEMMAN-DIAS, Luiza (1979) Dicionário Idiomático português-alemã. München, Hueber.
- SIMÕES, Guilherme Augusto (1993) Dicionário de Expressões Populares Portuguesas. Lisboa, Publicações Dom Quixote.